

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Um entusiasmo de bom augúrio acolheu a criação da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, cujos estatutos foram aprovados por despacho ministerial de 16 de Maio de 1957. Professores universitários, liceais e dos seminários, e também muitos estudantes, empenhados no «progresso e difusão dos estudos greco-latinos», objectivo da Associação, manifestaram o seu interesse, quer comunicando a sua adesão a esta iniciativa, quer comparecendo à reunião convocada para o dia 18 de Junho de 1957, no Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Foram escolhidos para a Direcção os membros seguintes :

Presidente honorário: Prof. Doutor Carlos Simões Ventura.

Presidente efectivo: Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho.

Vice-Presidente : Doutora Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira.

Secretário: Dr. Walter de Sousa Medeiros.

Tesoureiro: Dr. António de Matos Zagalo.

Vogais: Dr. Joaquim Simão Portugal (1).

Dr. Manuel Paulo.

Dr.^a Maria Alice Nobre Gouveia.

A eleição foi homologada pelo Subsecretário de Estado da Educação Nacional, em despacho de 12 de Agosto de 1957.

No seu primeiro ano de actividades, a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos soube corresponder amplamente ao que dela se esperava. Uma vez por mês, durante cada período lectivo, com uma regularidade que muito nos apraz registar, foram-se sucedendo reuniões para leitura e apreciação de trabalhos apresentados quer pelos sócios,

(1) Em substituição do falecido Dr. Felisberto Martins. A eleição do novo membro foi aprovada por despacho ministerial de 12 de Setembro de 1957.

quer por outros estudiosos nacionais e estrangeiros; uma sessão de projecção de filmes de arte e arqueologia clássica; e uma excursão de estudo.

Tomaram parte nestas manifestações culturais não só numerosos membros residentes em Coimbra como muitos outros que propositamente se deslocaram de Lisboa, Porto e Leiria.

Importa ainda salientar o ambiente de interesse em que, após a leitura das comunicações, se discutiram os assuntos tratados, se esclareceram determinados aspectos das questões propostas e se levantaram problemas.

O ciclo de conferências da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (ano lectivo de 1957-1958) iniciou-se, no dia 15 de Novembro, com a leitura de *Breves apontamentos sobre a actualidade dos Estudos Clássicos — O ensino do Grego e do Latim nos currículos liceais* pela Dr.^a Maria de Lourdes Nunes Flor de Oliveira.

Nesta comunicação, depois de se afirmar a importância de uma visão, tanto quanto possível completa, da estrutura do ensino secundário no estrangeiro, especialmente no que respeita ao Grego e ao Latim, apresentaram-se as conclusões extraídas do exame da orgânica escolar — sobretudo primária e liceal — de cinquenta e um países. Destes contam-se trinta, onde o ensino do Latim e, por vezes, do Grego se ministra nas escolas médias: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Checoslováquia, Costa-Rica, Dinamarca, Equador, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Islândia, Itália, Jugoslávia, Luxemburgo, Noruega, Nova Zelândia, Polónia, Portugal, S. Marinho, Suécia, Suíça, Turquia e Venezuela.

Depois de analisar a posição relativa dos estudos clássicos nos currículos liceais dos países citados, a Dr.^a Flor de Oliveira — embora admitindo que a solução do problema do ensino secundário, e em particular do liceal, é tão premente no estrangeiro como entre nós — concluiu que em todos os ensaios educativos desta natureza há forçosamente pontos de convergência dos quais se podem haurir proveitosas lições. Apesar da diversidade de soluções (entre elas: o Latim disciplina de opção ou limitação dos estudos clássicos a uma ou mais secções especializadas), a conferencista exprimiu a convicção de que nenhuma reforma pode menosprezar o equilíbrio entre a cultura clássica e a científica nem a educação dos sentimentos poético e estético, magnificamente operável através do ensino humanístico.

Intervieram na apreciação final do trabalho os Professores Doutores Paiva Boléo, Costa Pimpão, Américo Ramalho, e Doutora Maria Helena da Rocha Pereira.

Foi ainda aprovado por unanimidade um voto de sentimento pela morte do Dr. Felisberto Martins, inicialmente eleito vogal da Direcção.

Na segunda sessão, a 5 de Dezembro, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira dissertou sobre *Novos aspectos do horacianismo em Correia Garção*.

Referiu que a edição das *Obras Completas* de Correia Garção, vol. i, pelo Doutor António José Saraiva (Colecção de Clássicos Sá da Costa), inclui inéditos daquele poeta, entre os quais três odes (com os n.ºs xxxviii, xxxix e xl), que constam do ms. 1164 da Biblioteca da Universidade de Coimbra. A conferencista chamou a atenção para o interesse dessas odes, porque revelam, embora em grau diverso, influência horaciana, e porque duas delas versam, de maneira nova, temas já tratados por Correia Garção nas obras anteriormente conhecidas.

Assim, a comparação com os originais horacianos leva à conclusão de que a ode xxxviii desenvolve o mesmo motivo da xix, e uma e outra descendem da famosa *Maecenas atavis*. A análise dos dados cronológicos apresentados por estas composições não autoriza, segundo a Doutora Rocha Pereira, a decidir o problema da prioridade; mas a consideração das diferenças estilísticas sugere a feitura mais tardia da ode xix.

Verificou que a ode xxxix, consagrada à Virtude, como a v e a xxix, apresenta na sua primeira parte temas horacianos: da xxu do Livro ii (*Integer vitae*) e ui do Livro ui (*Iustum et tenacem*); e que a segunda parte contém um exemplo tirado da gesta nacional, exactamente como na ode v do Livro ui o Venusino utilizara o de Régulo. Esse mesmo episódio usou-o Garção na sua ode xxix, assim como se serviu do de Mário para a v.

A conferente ocupou-se, por fim, da ode xl, única que o Poeta escreveu em metro alcaico, e que tem a particularidade de apresentar influências virgilianas seguras na sua primeira parte, e de ser, na segunda, um encómio da *pax Augusta*, à maneira dos carmes ui, xxiv e iv, xv. Salientou que este elogio à política de D. José encontra eco noutras composições, nomeadamente na *Oração Oitava*. Em conclusão, ao interesse literário desta ode acresce o seu valor informativo, pela ati-

tude política que revela, do mesmo modo que à ode xxxviii está ligado o valor autobiográfico da confissão dos gostos do autor.

A comunicação da Doutora Rocha Pereira foi discutida pelos Professores Doutores Costa Pimpão (que pediu à conferente que publicasse o seu estudo), Américo Ramalho e Paulo Quintela.

As actividades da Associação prosseguiram, no segundo período, com a leitura, em 27 de Janeiro, de um estudo do Dr. Manuel de Oliveira Pulquério sobre *A expressão do amor nas Bucólicas de Virgílio* — análise literária e artística de um tema central na poesia do Mantuano.

O conferente dividiu a sua exposição em quatro capítulos. Tentou, no primeiro, uma definição muito geral do objecto proposto e concluiu pelo reconhecimento de uma unidade lírica superior em que se fundem o amor e a natureza. Precisou depois, no segundo, os contornos desta definição: assim, analisando as Bucólicas II, VIII e X, o Dr. Oliveira Pulquério manifestou a opinião que as vozes de Córion, Dámon, Alfesibeu e Galo, em sua riqueza de timbres e variadas inflexões, interpretam aos nossos olhos o oculto sentido das intenções do Poeta.

No terceiro capítulo, procurou demonstrar o equívoco da investigação que pretende aprisionar o génio de Virgílio no pequeno mundo do poeta siracusano: Virgílio e Teócrito diferem pela atmosfera que rodeia as suas obras — não há confusão possível em matéria de tamanha evidência. No último, enfim, estudou os processos estilísticos utilizados para a expressão do amor na poesia bucólica de Virgílio.

Discutiram a comunicação do Dr. Oliveira Pulquério os Professores Doutores Paiva Boléo e Américo Ramalho, a Doutora Rocha Pereira e o Dr. Francisco da Costa Marques.

Em 28 de Fevereiro, a convite da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, o Doutor N. I. Herescu, antigo professor catedrático da Universidade de Bucareste, proferiu, num dos anfiteatros da Faculdade de Letras, uma conferência intitulada *Le testament d'Ovide*.

Analisando o epitáfio redigido no exílio de Tomos, o Prof. Herescu pôs em relevo que nele Ovídio recorda apenas a sua actividade de *tenerorum lusor amorum*, e de todo esquece a referência a obras como os

Fastos e as *Metamorfoses*. O facto tem parecido estranho a muitos estudiosos, e Zielinski chegou a considerá-lo singular.

Na realidade, o Poeta podia escolher entre dois tipos de epitáfio: o que dava uma síntese da biografia do defunto, exemplificado no conhecido dístico virgiliano; e o que mencionava só o facto saliente, a obra capital do trespassado: assim os epitáfios de Névio, Plauto, Énio, Pacúvio e Séneca. Ovídio elegeu para si o segundo tipo, como já fizera nas *Heroides*, vu, 192-196, em relação a Dido.

Importa explicar, não a «singularidade» do epitáfio ovidiano, mas a razão da escolha que o decidiu a apresentar-se, quando podia invocar outros títulos, como «poeta de ternos amores». Trata-se, segundo o conferente, de uma profissão de fé, de um gesto de desafio, de um protesto contra a condenação arbitrária de que fora vítima, de uma afirmação da liberdade da arte e da independência do escritor — de um apelo à posteridade. Interpretação confirmada, aliás, pela carta autobiográfica que se lê nos *Tristia*, iv 10, que de novo o apresenta como *tenerorum lusor amorum*, e pela elegia única do Livro 11 dos *Tristia* — uma defesa convicta da sua inocência e uma implícita acusação do imperador que ousou coarctar a liberdade da poesia. E, depois de recordar um passo de Tácito, o Prof. Herescu concluiu dizendo, com a fórmula daquele historiador, que Ovídio quis legar à posteridade uma obra destinada a ser *dedecus Augusto, sibi gloria*.

Na sessão do dia 10 de Março falou o Doutor José Veiga Simão sobre *A física moderna e a antiguidade clássica*.

O conferente admite que a delicada fase intelectual e emocional dos nossos dias se traduz numa desordenada situação crítica das ciências fundamentais. Está neste caso a Física, para a qual, se bem que acesse um dos períodos mais brilhantes da sua história, ruíram, no entanto, alguns conceitos fundamentais. Na verdade, são inúmeras as novas descobertas e as realizações técnicas sensacionais.

A teoria quântica e a relatividade tentam reconstruir a Física em novos alicerces e levam à inconveniência da distinção entre *observador* e *observado*. É, pois, interessante, na realização deste objectivo, conhecer o altamente avançado e articulado sistema de conhecimento e especulação dos povos da Antiguidade Clássica, em especial dos Gregos. Dada a grande influência clássica no pensamento moderno, convém, ao rever os fundamentos da Física, procurar as fontes de verdade e de erro na sua mais remota origem.

Deste modo, o Doutor Veiga Simão referiu-se à possibilidade de considerar Leucipo e Demócrito precursores da teoria atômica actual, ao admitirem um limite para a divisibilidade da matéria e ao pretendem encontrar um elemento unificador que lhes permitisse explicar a enorme variedade de fenómenos naturais. Manifestou também a opinião de que essa teoria se perde ao evolver para a Metafísica e ao fugir de linhas de pensamento científico.

Intervieram na apreciação do trabalho os Professores Doutores Paiva Boléo, Américo Ramalho, Doutora Rocha Pereira, Drs. Giacinto Manuppella e Manuel Paulo, P.^o Miguel Baptista Pereira e João de Barros.

A 25 de Abril, no Seminário Episcopal, por amável deferência do seu Reitor, reuniram-se os membros da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos para assistirem a uma sessão de projecção de filmes de arte e arqueologia clássica de Itália.

Os oito documentários apresentados — sobre os monumentos da Magna Grécia e da Sicília helénica; os festivais da primavera em Pesto; Pompeios; Roma; e moedas romanas — foram comentados pelo Dr. Giacinto Manuppella, que fez uma sucinta exposição sobre a colonização grega da Itália Meridional.

O programa de actividades referente ao terceiro período continuou com uma conferência do Prof. Américo da Costa Ramalho, intitulada *Tentativa de uma biografia do poeta horaciano André Falcão de Resende*.

Este trabalho constitui a primeira tentativa feita até hoje de uma cronologia da vida e obra do poeta André Falcão de Resende (1527-1599), natural de Évora e mais conhecido no seu tempo pelo nome de André Falcão. Era sobrinho do cronista Garcia de Resende e primo em segundo grau (por vezes, chamado sobrinho) do humanista André de Resende.

A documentação existente em Lisboa, Coimbra e Évora, juntamente com a análise interna da sua obra, permite reconstituir com certo pormenor as vicissitudes da sua vida.

O Prof. Costa Ramalho pôs em relevo o interesse que têm as composições de Falcão de Resende para se fazer uma ideia mais completa do ambiente social português, na segunda metade do século xvi, em especial nos anos à roda de 1580. Este interesse sobreleva, na quase

totalidade da sua produção original, o do valor poético da obra de Falcão de Resende, mas as traduções de Horácio constituem, pelo número e qualidade, um capítulo importante da historia do horadamento em Portugal.

Intervieram na discussão final do trabalho o Professor Doutor Damião Peres, os Doutores Herculano de Carvalho (que insistiu na urgência de uma edição do texto de Falcão de Resende, para cuja elaboração lhe parecia o conferente a pessoa indicada) e Maria Helena da Rocha Pereira, e Professor Reis Santos.

A última reunião do ano lectivo de 1957-1958, uma excursão a Conimbriga e ao Acampamento Romano de Antanhol, realizou-se no dia 19 de Julho.

O Dr. Bairrão Oleiro guiou os visitantes e informou-os sobre os trabalhos arqueológicos efectuados em Conimbriga e sobre os problemas respeitantes ao Acampamento Romano de Antanhol.

*
* *

A fundação da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos foi saudada com palavras de muito apreço e caloroso aplauso por numerosos jornais e revistas, quer nacionais, quer estrangeiros. Transerevemos as expressivas notícias que lhe dedicaram as revistas «Estudios Clásicos», órgão da Sociedad Española de Estudios Clásicos, de Madrid, «Palaestra Latina», de Barcelona, e «Studium Generale», boletim do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto:

«Estudios Clásicos», n.º 22 (Noviembre de 1957), p. 206:

«Con gran satisfacción podemos anunciar la fundación, por iniciativa de los profesores y auxiliares de Filología Clásica de la Facultad de Letras de la Universidad de Coimbra, de la «Associação Portuguesa de Estudos Clássicos», cuyos estatutos se publican en *Humanitas*, VII-VIII (1955-1956), 254-256, y que se propone, según ellos, «contribuir al progreso y difusión de los estudios grecolatinos, ofreciendo a sus miembros reuniones en que sean tratados temas referentes a la Antigüedad clásica en todos sus aspectos; promoviendo la investigación; mejorando la práctica de la enseñanza por medio de la discusión de sus métodos y poniendo de relieve ante la opinión pública la importancia y necesidad de los estudios clásicos en el plano de la educación nacional».

«No hay que decir con cuánta alegría señalamos el nacimiento de esta joven entidad a la que deseamos todo género de venturas.»

«Palaestra Latina», n.º 160 (m. Decembri a. MCMLVII), p. 228:

Hunc nuntium legentibus exsultantes deferimus: Conimbrigae (Coimbra) hanc Societatem Lusitanam Studiis Classicis prouehendis constitutam esse, cui est nomen Associação Portuguesa de Estudos Clássicos. Quae Societas totis uiribus conabitur ubique promouere et quam amplissime diffundere quae ad studia classica spectant, uiam rationemque his disciplinis tradendis aptissimam quaerere et propagare, eos qui rebus classicis peruestigandis operam nauant adiuuare, omnibus patefacere quanti sint quamque necessariae in pueris et ciuibus instituendis litterae quae dicuntur classicae. Omnes huic societati nomen dare possunt, praesertim qui doctores sunt uel in Uniuersitatibus uel in Collegiis uel in Seminariis, omnesque qui philologiae, litteris, archaeologiae, philosophiae, historiae, epigraphiae, palaeographiae, numismatae impense uacant. Fausta, felicia, fortunata Societati huic Lusitanae aestuanti animo ominamur. Nos qui contemplari tenemur quo modo — opera praesertim Adiutorum a Publica Institutione — haec studia apud nostrates uilescent, misere uexentur, pessum fere dentur, non possumus non gaudere cum nouas Societates uidemus oriri quae humanitatem cultumque foueant atque tutentur.»

«Studium Generale», vol. m (Porto, 1956), n.º 2, p. 476:

«Organizou-se em Coimbra esta nova Sociedade Cultural, com sede no Instituto de Estudos Clássicos, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (...)

«A actividade essencial da Associação será o estudo das Humanidades Clássicas, devendo também contribuir para o progresso dos estudos greco-latinos, em reuniões próprias, onde se versem temas da antiguidade clássica, no plano da educação nacional, como dizem as notícias dos jornais. Por isso aquela Associação congregará professores e estudantes universitários e dos seminários, como os especialistas de filosofia, literatura, arqueologia, epigrafia, paleografia, história e mais matérias, que serão estudadas em reuniões ou sessões próprias e em conferências.

«Muito nos apraz registar o nascimento desta Sociedade, à qual já oportunamente endereçámos nossos parabéns e votos de colaboração com o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto, Centro que há mais de dez anos, dentro das possibilidades de que dispõe, muito se tem esforçado na mesma actividade a que vai dedicar-se aquela Associação coimbrã (de que fazem parte distinta alguns colaboradores do nosso Centro, como o Prof. Américo Ramalho e a Doutora Rocha Pereira).

«(...) Ao cerrarmos esta grata notícia, fazemos votos para que entre a recém-nascida Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, de Coimbra, e o Centro de Estudos Humanísticos, do Porto, se estabeleçam e mantenham cordialíssimas relações dadas a finalidade das suas tarefas e o sentido cultural da sua missão.»